



Eleitos para brilhar

Conheça as histórias de nove pessoas que deixaram sua marca registrada nos três últimos anos do mercado de capitais

Por Adriana Souza Silva

Comissão de jurados

Os 20 investidores institucionais consultados pela Capital Aberto

Aroldo Medeiros	Banco do Brasil DTVM
Átila Noaldo	Banif Primus
Augusto Lange Vieira	Neo Investimentos
Bruno Rudge	Dynamo
Caio Megale	Mauá Investimentos
Christian Klotz	Fama Investimentos
Flávio Conde	Itaú BBA
Luis Stuhlberger	Hedging Griffó
Marcelo Giufrida	BNP Paribas
Marcelo Mesquita	UBS
Marco Antônio Melo	Ágora
Marcos Duarte	Polo Capital
Mario Fleck	Rio Bravo
Pedro Rudge	IP Investimentos
Ricardo Espírito Santo	Banco Espírito Santo
Robert van Dijk	Bradesco Asset Management
Rodrigo Fiães	Cavea DTVM
Ronaldo Boruchovitch	Pactual
Roseli Machado	Fator Adm. de Recursos
Saul Sabbá	Máxima Asset Management
Tania Sztamfater	Unibanco Asset Management

Neste mês de setembro, a *Capital Aberto* completa três anos. E com o orgulho de não tê-lo feito em quaisquer três anos. Trata-se de um capítulo à parte na história do mercado de capitais brasileiro, consagrado por dar início a uma realidade completamente nova, muito mais consistente, promissora e moderna que a experimentada até então.

De 2003 para cá, assistimos ao sucesso do Novo Mercado, à tão esperada retomada dos IPOs, ao crescimento dos investidores pessoas físicas na bolsa de valores e ao desembarque de investidores estrangeiros muito mais confiantes no Brasil. Também mereceram destaque o aperfeiçoamento do ambiente regulatório pela CVM, o aumento da fiscalização e, claro, a pulverização do controle de algumas companhias, com o surgimento das primeiras “corporations” brasileiras.

Com tantas novidades, este não poderia ter deixado de ser um período rico também para os profissionais que se dedicam ao mercado de capitais. E, principalmente, para fazer despontar novos talentos ou consolidar aqueles já conhecidos. Pensando nisso, decidimos comemorar o aniversário da *Capital Aberto* trazendo histórias de pessoas que, aos olhos do próprio mercado, revelaram-se de forma especial nesses anos de valiosas conquistas. Para a escolha desses homenageados, contamos com a gentil colaboração de um time de jurados formado por 21 dos maiores e mais respeitados investidores institucionais do País (veja a ilustração).

Pedimos a eles que mencionassem três nomes em cada uma das dez categorias apresentadas: conselheiro de administração, diretor de Relações com Investidores (RI), advogado, CEO, banqueiro de investimentos, gestor de recursos independente, gestor de recursos ligado a banco, analista sell side,

acadêmico e institucional (profissional vinculado a entidades do mercado, bolsa de valores ou órgão regulador). A escolha foi espontânea, isto é, cada jurado apresentou suas indicações sem que houvesse nenhuma sugestão prévia. Em alguns casos, o vencedor ficou claro logo na primeira votação. Em outros, as indicações foram mais dispersas, e por isso fizemos uma segunda rodada, apenas com os nomes mais citados, para que o resultado final tivesse a representatividade esperada. Como regra, ficou estabelecido que ninguém poderia votar em si próprio ou escolher um profissional que trabalhasse para a sua empresa ou instituição. Terminada a contagem dos votos, iniciamos a maratona de entrevistas com os eleitos.

A todos fizemos a proposta de uma conversa um pouco diferente. Desta vez não perguntaríamos sobre os resultados de suas empresas, suas recomendações de investimento ou opiniões sobre determinada manchete dos jornais. Nosso foco seria a vida por trás de suas agendas, as histórias que deixaram fortes lembranças em suas carreiras e aqueles detalhes únicos e saborosos que, de uma ou outra forma, contribuíram para o prestígio e o reconhecimento agora conquistados.

Foram dez os eleitos por nosso júri. Infelizmente um deles — Martín Escobari, do Submarino, destacado como a revelação dos últimos três anos entre os profissionais de RI — não participa deste especial. Segundo sua assessoria de imprensa, ele não pôde nos conceder a entrevista por conta da política interna da companhia, que não o permite falar de sua vida pessoal. Mas os outros nove aceitaram nosso convite com a mesma disposição que tocam o dia-a-dia de seus departamentos. E reservaram uma ou duas horas de seu corrido tempo para nos presentear com as curiosas histórias que vocês conferem a seguir. ■



Pura diversão

Aos 55 anos, o advogado Paulo Cezar Aragão se sente orgulhoso por estar à frente de uma equipe que, segundo ele mesmo gosta de frisar, participou de algumas das transações “mais divertidas” do Direito empresarial no Brasil. Casado, pai de dois filhos e avô coruja de duas meninas que nasceram e vivem na França, Aragão se destaca por uma inteligência refinada. E pela oratória carismática com voz serena que, vez ou outra, dispara uma pitada de ironia. Quem conhece um pouco da história de seus 35 anos dedicados à profissão sabe que essa entrega ao trabalho jamais faria sentido se não tratasse de alguém apaixonado pelo que faz. “Nasci obcecado pelo trabalho”, chega a admitir.

Desde 1995, é um dos pilotos do escritório Barbosa, Müssnich & Aragão. Mas, para conhecer sua trajetória antes da sociedade, é preciso voltar a 1973, quando o recém-formado Paulo trabalhava no escritório de advocacia do pai, na área do Contencioso. Ali teve início o ensaio do que seria seu primeiro grande amor na profissão: o Direito Civil. Começou dando

aulas sobre o tema e, quando se deu conta, já tinha três livros publicados e uma agenda de palestras por vários estados do País. “Era uma espécie de caravana ‘Bye, Bye, Brasil’ do Direito Civil”, lembra. A paixão durou até 1977, ano em que foi fisgado pela curiosidade de fazer parte do recém-criado órgão regulador do mercado de capitais, a Comissão de Valores Mobiliários, que anunciava um concurso público para contratação de jovens talentos. Aragão passou nas provas e por lá trabalhou de 1978 a 1981 — primeiro como gerente, depois como superintendente jurídico do órgão.

No final de três anos, achou que era hora de voltar para o setor privado e, em 1982, entrou para o escritório de João Pedro Gouvêa Vieira. Não havia como negar mais. Daquele momento em diante, o Direito empresarial tomaria conta de sua vida. Cabe ressaltar, contudo, que essa história sofreu uma pequena interrupção quando Aragão foi seduzido por um convite da GP Investimentos, onde atuou como consultor entre 1994 e 1997. Perguntado por que trocara a profissão de seus sonhos pela nova experiência,

Aragão justifica: “Na época, sofria da síndrome do ascensorista. Ou seja, aquele que não consegue saber como é que termina uma história porque as pessoas saem do elevador justamente na hora que estão contando o seu desfecho. Acontece a mesma coisa com o advogado. Você não sabe como as coisas terminaram depois de encerrado o seu trabalho. Na GP, podia ver como uma empresa funcionava de perto”. De quebra, acumulou no currículo a experiência de trabalhar ao lado de Jorge Paulo Lemann e Carlos Alberto Sicupira, criadores da GP e clientes seus até hoje. Nesse meio tempo, fundou o escritório Barbosa, Müssnich & Aragão.

Ali ele se deparou finalmente com sua fase de maior reconhecimento profissional, quando assumiria um papel-chave em “negócios divertidos” como a assessoria prestada na privatização da Telebrás e na fusão das cervejarias Antártica e Brahma. “Às vezes, fico encabulado, pois os clientes me pagam para fazer algo que simplesmente adoro”, brinca. Aragão gosta de mencionar também que nenhuma dessas realizações seria possível se não houvesse um trabalho de toda a equipe. “Muita gente acredita que o sucesso é saber o que fazer em determinada situação. Mas transformar o ‘faça assim que dá certo’ em realidade envolve dez, vinte pessoas numa única operação”, esclarece. E vai além: “Se dissessem ao Michelângelo que ele teria dois meses para pintar a Capela Sistina, sozinho, não conseguiria. Com um time de ajudantes, talvez.”

Na sua avaliação, o grande marco para o Direito empresarial nesses últimos três anos foi a pujança da migração de companhias para o Novo Mercado. Do ponto de vista regulatório, ele avalia que ocorreu uma verdadeira mudança de paradigmas na postura da CVM. Se

“Às vezes fico encabulado, pois os clientes me pagam para fazer algo que simplesmente adoro”

“Transformar o ‘faça assim que dá certo’ em realidade envolve dez, vinte pessoas numa única operação”

na sua época existia a chamada regulação bombeiro — “quando acontecia alguma coisa de manhã, baixava-se um decreto à tarde” — hoje ele reconhece que as medidas do órgão são desenvolvidas com muito mais profundidade e discutidas em audiências públicas.

Que recado Aragão teria para os jovens advogados da área empresarial? “Antes de mais nada, é preciso saber que o sucesso é o resultado de muito trabalho, de um esforço contínuo de 30, 40 anos.” Para quem discorda, o melhor, segundo ele, seria comprar um barco e ir velejar. Mas emenda: “Francamente, até para ser um bom velejador, também é preciso passar várias horas treinando todos os dias”. Em resumo, sua mensagem para os mais novos é que a tal história de que o talento é 10% de inspiração e 90% de transpiração é pura verdade. Aragão é do time dos que acham que o impossível tem de ser feito na hora. Já o milagre,

pode demorar um pouco mais.

Não pensem, porém, que ele gosta de fazer projeções para o futuro. “Minha bola de cristal está no conserto desde 1986, época do Plano Cruzado”, costuma repetir. Classifica o Brasil como um país “curioso” e avalia que, com o fim da era da esperteza e do famoso jeitinho, o desafio será estar pronto para lidar com problemas internacionais, como os episódios da Bolívia e as brigas na Organização Mundial do Comércio. Imagina ainda que a China ganhará muito mais importância por aqui do que tem hoje. “Daqui a dez anos, muita gente vai estar falando mandarim”, profetiza. Mas onde estaria Paulo Aragão daqui a uma década? Fazendo a mesma coisa, tenham certeza. Provavelmente, daqui a vinte ou trinta anos, segundo ele mesmo define, será aquele velhinho que vive puxando a orelha dos estagiários. ■